

## CINEMAS NEGROS: Esboço do campo e dos agentes no Brasil do século XXI <sup>1</sup>

## BLACK CINEMAS: Outline of the field and agents in Brazil in the 21st century

Márcio Brito Neto <sup>2</sup>

**Resumo:** Esta comunicação é o resultado do Mapeamento dos Cinemas Negros Brasileiro, pesquisa inédita, a qual aferiu a constituição sociocultural do campo (BOURDIEU, 1989, 1997, 2007) e dos cineastas negros, negras e negres, que realizaram filmes entre os anos 2000-2020. Apresenta os dados quantitativos, colhidos entre os anos de 2019 e 2022, para tese de doutorado: "Akilombamento Cinematográfico: Ubuntu e os Cinemas Negros brasileiro", desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual (PPGCine) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Neste trabalho pretendemos contribuir com uma análise resumida sobre a realidade dos Cinemas Negros no Brasil; cuja ausência de dados e de uma metodologia arqueológica e etnobiográfica, inclinou alguns pesquisadores a definirem este campo como "gênero" e/ou como "movimento" cinematográfico. Reiteramos que os Cinemas Negros trata-se de um campo pluriversal e político de atuação de cineastas em disputa pela representação, intrínsecas ao campo e extrínsecas a eles.

**Palavras-Chave:** Cinemas Negros, Relações Étnico-raciais, Cinema Brasileiro.

**Abstract:** write here the English version of your abstract, in italics, ranging from 10 to 15 lines. Use single space between the lines, font Arial, size 10.

**Keywords:** Keyword 1. Keyword 2. Keyword 3.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Mídia, Gênero e Raça da 10ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (10ª COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), 09 a 10 de maio de 2023.

<sup>2</sup> Doutorando em Cinema e Audiovisual, pelo Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual (PPGCine), da Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em Comunicação Social e Bacharel em Cinema pela PUC-Rio. E-mail: marciobrito@id.uff.br

## 1. Introdução

Antes de tudo é preciso que se diga: o Cinema brasileiro é estruturado sob bases racistas<sup>3</sup> por consequência eugênica, operando um apagamento histórico das pessoas negras das telas<sup>4</sup>, efeito de uma historicidade social marcada pelo capitalismo ocidental, pela colonização europeia e pela escravização dos corpos dos nossos antepassados africanos<sup>5</sup>. Nossa afirmação inicial se comprova pelos estudos do GEMMA<sup>6</sup>. Entre 2002 e 2012, 84% dos cineastas que lançaram filmes no circuito comercial, nos postos de direção, foram homens brancos. 13% mulheres brancas e apenas 2% dos diretores eram homens negros. O estudo ainda apontou que nenhuma mulher negra lançou filme em circuito comercial neste período, o que atesta que o cinema brasileiro é etnocêntrico, marcadamente dominado por homens brancos.

Este quadro também pode ser verificado no estudo da pesquisadora Paula Alves (2019). Segundo a autora, constatou-se que dos filmes produzidos entre 1995 e 2016, considerando longas-metragens de todos os tipos, 6,6% dos filmes foram dirigidos por pessoas pardas e apenas 1,6% por pessoas pretas. Logo, apenas 8,2% de pessoas negras dirigiram filmes no Brasil entre 1995 e 2016, embora a população negra do país, na época, fosse de 50,7%, ou seja, a maioria segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas<sup>7</sup>.

“Quando cruzamos as categorias de gênero com cor/raça, encontramos que 70,7% são homens brancos, 19,9% mulheres brancas, 5,6% homens pardos, 1,4%

<sup>3</sup> Sobre esta afirmação, é visível as suas bases à partir dos estudos do GEMMA-UERJ em CÂNDIDO; MARTINS; RODRIGUES e JÚNIOR, 2017; nos dados apresentados por ALVES, 2019 e pela análise de CARVALHO, 2005.

<sup>4</sup> Sobre este apagamento histórico sugiro a leitura de RODRIGUES, 2011 e CARVALHO, 2005.

<sup>5</sup> Para uma profunda compreensão crítica sugiro a leitura de DAVIS, 2016; HALL, 2016; FANON, 2008 e MBEMBE, 2014.

<sup>6</sup> CANDIDO, Márcia Rangel; MARTINS, Cleissa Regina; RODRIGUES, Raissa; JÚNIOR, João Feres. Raça e gênero no Cinema Brasileiro 1970-2016. Boletim GEMMA. n. 2. Rio de Janeiro: UERJ, 2017.

<sup>7</sup> Segundo o Censo do IBGE, no ano de 2010, a população brasileira era de 191 milhões, composta por 91 milhões de autodeclarados brancos, 82 milhões pardos, 15 milhões pretos, 2 milhões amarelos e 817 mil indígenas. Houve uma significativa redução da autodeclarados brancos, que nos anos 2000 era de 53,7% e em 2010 caiu para 47,7%, enquanto houve significativo crescimento de autodeclarados pretos (de 6,2% para 7,6%) e pardos (de 38,5% para 43,1%). Sendo assim, a população preta e parda (negros) passou a ser considerada maioria no Brasil 50,7%, desde 2010 e continua a crescer anualmente.

homens pretos, 1,0% mulheres pardas”. (ALVES, 2021, p. 23). O número de mulheres pretas é inferior a 1%. Diante dos dados é fato que o Cinema Brasileiro não reflete a realidade social do país de maioria negra<sup>8</sup>.

Nossas identidades negras foram estereotipadas<sup>9</sup>, através de processos de *aculturação*, *assimilação* e de *apropriação cultural*<sup>10</sup>, mobilizados pela branquitude e que se refletem nos discursos ideológicos “hegemônico”<sup>11</sup>. Esse, masculino, branco, cisgenênero, supostamente heterossexual, cristão, e óbvio, capitalista, colonialista e racista, cujo espelho são as mídias audiovisuais.

A alteração dos significados da representação negra, a partir de mapas conceituais ideologicamente eurocentrados, ocidentais e brancos<sup>12</sup>, implica na aplicação de enunciados<sup>13</sup> que alteram os sentidos<sup>14</sup> do que de fato somos como pessoas negras e apaga a pluriversalidade<sup>15</sup> da nossa cultura e dos nossos pensares afro-diaspóricos da formação social brasileira. Os efeitos disso são representações nas mídias audiovisuais que negam o valor íntimo e afetivo da nossa constituição como *Ser-sendo* pessoa negra<sup>16</sup>, e nos transformam em objetos descartáveis.

Somos sujeitados ao mito da democracia racial<sup>17</sup>, cujos reflexos vemos diariamente nas prisões<sup>18</sup>, no maior número de jovens assassinados pelas polícias<sup>19</sup>,

<sup>8</sup>Segundo o último Censo divulgado pelo IBGE (2022), com base na autodeclaração. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) 2021, 43,0% dos brasileiros se declararam brancos; 47,0% são pardos e 9,1% como pretos. Atualmente, segundo o IBGE, a população brasileira é composta por 56,1% de pessoas negras.

<sup>9</sup>(SHOHAT; STAM, 2006.) e (HALL, 2016).

<sup>10</sup>(WILLIAN, 2019)

<sup>11</sup>O termo “hegemônico” é utilizado por HOOKS, 2019. Também pode ser interpretado como “dominante”, tal como DAVIS, 2016. Usamos aspas, pois essa “hegemonia” é construída socialmente por uma minoria quantitativa, mas dominante: os brancos.

<sup>12</sup>(HALL, 2016)

<sup>13</sup>(FOUCAULT, 1999 e 2008)

<sup>14</sup>(HALL, 2016)

<sup>15</sup>(RAMOSE, 2011 e MALOMALO, 2019)

<sup>16</sup>(RAMOSE, 1999 e 2002 e MALOMALO, 2019)

<sup>17</sup>(MUNANGA, 1999)

<sup>18</sup>No ano de 2019, os negros representaram 66,7% da população carcerária, enquanto a população não negra (brancos, amarelos e indígenas, segundo a classificação do IBGE) representou 33,3%. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2020), para cada não negro preso no Brasil, dois negros foram presos. Mais que o dobro quando comparado aos brancos. em: BUENO; LIMA Anuário Brasileiro de Segurança Pública. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA [Doc Online], 2020

<sup>19</sup>(Id.)

pelo menor poder aquisitivo<sup>20</sup>, pela menor escolaridade<sup>21</sup>, pela maior concentração em favelas e periferias<sup>22</sup>, pelo maior índice de desemprego<sup>23</sup>, e mais centenas de efeitos do racismo estrutural<sup>24</sup> e institucional brasileiro<sup>25</sup>, que atingem a nós, a população negra, que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), é composta de pretos e pardos.

A representação estereotipada, sob paradigmas raciais da branquitude reforçam o racismo e o neocolonialismo na nossa era hipermoderna<sup>26</sup>, tornando a suposta abolição da escravidão um processo inconcluso neste país. Infelizmente, nem nós negros estamos imunes de reproduzir o racismo estrutural da sociedade brasileira, do qual somos as maiores vítimas; e nós cineastas não estamos à parte da sociedade, tampouco das referências cinematográficas brancas, colonialistas e ocidentais.

É preciso reforçar que apenas a pessoa pertencente a determinado contexto cultural negro é capaz de exprimir, ainda que sob fabulações, ainda que sob paradigmas de representação da branquitude, a realidade do corpo negro numa sociedade diaspórica, que nega a sua africanidade e apaga a sua negritude<sup>27</sup>. Daí a necessidade de falarmos sobre “Cinemas Negros” e sabermos quem somos, quantos somos, quais as nossas características socioculturais, ainda que de maneira resumida se limite aos dados quantitativos, neste trabalho.

---

<sup>20</sup> A média de ganhos de pretos e pardos, entre 2012 e 2019, era 57,7% inferior à renda de pessoas brancas no Brasil, segundo os dados que foram aferidos com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), entre 2012 e 2020. Em 2020, a média passou para 48,0% a menos que brancos. Já em 2021 houve novo aumento na desigualdade salarial, sendo 49,4% a menos os ganhos de pessoas negras em relação às pessoas brancas. Veja mais em: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS - IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2020 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro : IBGE, 2020.

<sup>21</sup>(Id.)

<sup>22</sup>INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS - IBGE. Características gerais dos domicílios e dos moradores: 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

<sup>23</sup> A taxa de desemprego entre negros, se comparada com brancos no Brasil, independente do grau de escolaridade, é extremamente elevada. “Entre os que têm ensino superior completo, a taxa de desemprego é de 5,5% para os brancos, mas sobe a 7,1% entre pretos e pardos. Na faixa com ensino médio completo ou superior incompleto, os brancos têm taxa de desemprego de 11,3%, contra 15,4% dos pretos e pardos.” (AMORIM; NEDER, 2019)

<sup>24</sup> ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

<sup>25</sup>(Id.)

<sup>26</sup> LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. Os Tempos Hipermodernos. São Paulo: Barcarolla, 2004.

<sup>27</sup> (MARGARIDO, 1964); (FANON, 2008); (MUNANGA, 2012) e (MBEMBE, 2014).

Até a década de 1970 no cinema brasileiro fomos representados sob ideologias da branquitude, umas racistas de forma mais direta, através do processo de decupagem ou pela aplicação de estereótipos negativos, como fizeram as chanchadas da Atlântida<sup>28</sup>. Outras por representações das nossas identidades sob a massificação como “classe”, como fizera o Cinema Novo<sup>29</sup>, que, a partir do mito da democracia racial, promoveu o apagamento das pessoas negras de forma mais subjetiva.

Embora presentes nas telas, nós negros estávamos travestidos de uma ideologia socialista, cerrados sob os estereótipos positivos<sup>30</sup>, que “elevaram” o “negro” da categoria de “objeto” ao “negro” categorizado como “povo”, cuja condição inescapável da opressão é de valor econômico, ou seja capitalista. Negando o racismo como fonte causadora dos problemas de classe no Brasil e não o contrário. Afinal, raça e classe apesar das similaridades são fenômenos sociais com seus próprios paradigmas<sup>31</sup>.

Não escapamos nem das ideologias de direita, nem da “salvação”, enquanto “classe”, da esquerda. Até que figuras como Zózimo Bulbul<sup>32</sup> introduzem no cinema brasileiro uma importante discussão: onde estão os negros do Cinema brasileiro? Até quando seremos representados pelos estereótipos dos brancos?

Os Cinemas Negros no Brasil é um campo político que inicia sua estruturação à partir do filme “Alma no Olho” (1974) de Zózimo Bulbul. De lá para cá, o campo passou por diversas transformações e tentativas de estruturação seja através de

---

<sup>28</sup>(CARVALHO, 2005)

<sup>29</sup>(Id.)

<sup>30</sup> (SHOHAT; STAM, 2006) e (HALL, 2016)

<sup>31</sup>(DAVIS, 2016) e (ALMEIDA, 2019)

<sup>32</sup> Zózimo Bulbul é considerado por alguns pesquisadores e cineastas negros o “precursor” do Cinema Negro no Brasil, por ser o primeiro diretor negro a colocar a performance do corpo negro no centro da tela, sob novas lógicas de representação, em uma tentativa de fugir aos estereótipos aplicados a nós pelos brancos. Foi um grande militante do cinema realizado por negros e fundou o Centro Afrocarioca de Cinema e deu origem à Mostra de Cinema Negro Zózimo Bulbul, em 2016, o mais expressivo evento destinado aos Cinemas Negros no Brasil. Ver em: (CARVALHO; GUIMARÃES, 2006) e (CARVALHO, 2005 e 2012)

dogmas<sup>33</sup> e manifestos<sup>34</sup>, que reivindicaram a tomada de posição dos negros atrás das telas e como emissores dos discursos da negritude através do cinema. Bem como, por movimentos individuais de cineastas negras, negres e negros, que viram nas políticas públicas de reparação histórica a chance de assumir a posição de produtores de discursos cinematográficos, que ora corroboram com a luta antirracista, ora reforçam a estrutura racializada do cinema brasileiro.

Os Cinemas Negros nasce político, na medida em que reivindica o direito da população negra de se autorrepresentar nas telas, tomando para si as rédeas da representação étnica no audiovisual. Contudo, apenas na segunda década do século XXI é que este campo político, no interior do Cinema brasileiro, se estabelece como um espaço de disputas pela representação tanto entre negros, quanto de nós negros em resistência às representações estereotipadas propagadas pela branquitude.

É a partir de todo este contexto que este trabalho se desenvolve e aponta, em números a realidade do campo Cinemas Negros no Brasil do século XXI.

## 2. Por uma metodologia akilombada: conhecendo meus irmãos.

O *Mapeamento do Cinema Negro Brasileiro* foi iniciado no mês de agosto de 2019 e durou aproximadamente três anos. Foram mapeados cerca de 400 cineastas em listas de Mostras e Festivais de “Cinema Negro” e de Festivais do que chamamos de cinema “hegemônico” brasileiro, entre os anos de 2010 a 2020. A

---

<sup>33</sup>Me refiro ao Dogma Feijoada, manifesto assinado por alguns cineastas negros, liderados por Jeferson De, que fora publicado no Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo. O manifesto “apregoava sete mandamentos ou regras para o cinema negro. São eles: 1) O filme tem que ser dirigido por um realizador negro; 2) O protagonista deve ser negro; 3) A temática do filme tem que estar relacionada com a cultura negra brasileira; 4) O filme tem que ter um cronograma exequível. Filmes-urgentes; 5) Personagens estereotipados negros (ou não) estão proibidos; 6) O roteiro deverá privilegiar o negro comum (assim mesmo em negrito) brasileiro; 7) Super-heróis ou bandidos deverão ser evitados. (CARVALHO, 2005, p. 96)

<sup>34</sup>Falo aqui do Manifesto de Recife, “lançado em 2001 durante a 5ª edição do Festival de cinema do Recife. Atores e realizadores negros assinaram o Manifesto do Recife em que reivindicavam: ) O fim da segregação a que são submetidos os atores, atrizes, apresentadores e jornalistas negros nas produtoras, agências de publicidade e emissoras de televisão; ) A criação de um fundo para o incentivo de uma produção audiovisual multirracial no Brasil; ) A ampliação do mercado de trabalho para atrizes, atores, técnicos, produtores, diretores e roteiristas afros-descendentes. ) A criação de uma nova estética para o Brasil que valorizasse a diversidade e a pluralidade étnica, regional e religiosa da população brasileira. O manifesto foi assinado por Antônio Pitanga, Antônio Pompêo, Joel Zito Araújo, Luiz Antônio Pillar, Maria Ceíça, Maurício Gonçalves, Milton Gonçalves, Norton Nascimento, Ruth de Souza, Thalma de Freitas e Zózimo Bubul.” (CARVALHO, 2005, p. 98)

partir do nome do filme e do diretor/diretora, iniciamos a investigação para saber quais agentes deste grupo eram negros. Tarefa bastante complicada, diante das questões que envolvem definir quem é ou não é negro no Brasil (MUNANGA, 1999 e 2004). A aceitação desses cineastas em Festivais de “Cinema Negro”, foi a primeira metodologia para aferição étnica que utilizamos.

Decidi iniciar a aferição por fotos, que consideramos como “heteroclassificação para a variável cor/raça, quando terceiros classificam o pertencimento racial de alguém e não o próprio indivíduo” (ALVES, 2021, p. 23). Método usado em diversos estudos, “portanto, uma alternativa nem inferior nem superior, mas diferenciada da autodeclaração” (PETRUCCELLI, 2013 apud ALVES, 2021, p. 23).

A localização desses cineastas se deu via internet, em um complexo cruzamento de dados entre o nome do realizador, o nome do filme, o festival, a edição do evento e a localidade; além de um levantamento em publicações de catálogos, listas de selecionados, premiados, buscas no YouTube, Google e Redes Sociais. A fim de que a pesquisa efetivamente tivesse uma abrangência nacional.

Assim descobri quem eram essas pessoas negras, que dirigiram filmes entre os anos 2010 até 2020, mas também os que surgiram antes do período analisado, por isso esta pesquisa se estende também ao período entre 2000 até 2009. Contudo, faço a ressalva que uma busca mais detalhada sobre a primeira década deste século pode localizar um número maior de realizadores, os quais não entraram em listas de mostras e de festivais, mas que igualmente realizaram filmes no período e ficaram de fora do nosso *Mapeamento do Cinema Negro Brasileiro*.

Dos 370 nomes mapeados, cataloguei cada um com foto, nome e filme realizado. A partir disso, contactei cada realizador e tive o retorno de 286 cineastas, o que corresponde a 77,29% do total de mapeados e aferidos etnicamente. O que confere a esta pesquisa uma margem de erro de 5% para mais e/ou para menos em relação à realidade quantitativa do campo. Enviei para cada um a primeira mensagem via Instagram, pois através da rede é possível saber se a pessoa visualizou ou não a mensagem, permitindo maior controle sobre os dados.

Dos 286 contactados desconsideramos 13 cineastas por morte, como o caso do diretor Sandro Lopes acometido pela Covid-19 em 2019, bem como, aqueles que por erros da listagem dos festivais, não assinaram as referidas obras e responderam o contato informando-nos do equívoco. Assim, consideramos 273 nomes como "listagem útil", o que corresponde a 73,78% do total de mapeados no campo Cinemas Negros.

Em um segundo contato busquei deixar claro que este trabalho seria realizado em conjunto, uma metodologia do "nós" (BOURDIEU, 1997), em favor do coletivo. Novamente usei o recurso de recebimento de mensagem do Instagram para saber quais deliberadamente ignoraram, ou não, o segundo contato. 57 realizadores não visualizaram a mensagem. Dos 273 nomes, nos restaram 216 cineastas, que visualizaram a mensagem, e passamos a considerá-los como "agentes em potencial".

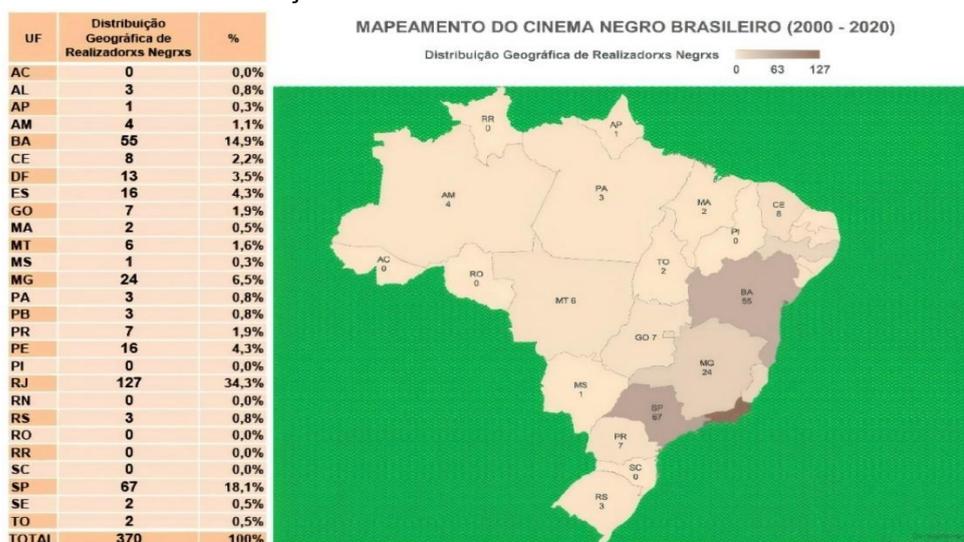
Na última etapa de levantamento de dados fiz um terceiro contato e todos os 216 realizadores responderam a mensagem, 100% desses cineastas enviaram seus e-mails, bem como aceitaram participar da pesquisa. No entanto, ao enviarmos o Formulário da pesquisa, que ficou disponível para resposta por três meses, de 01/10/2021 até 01/01/2022, 49 realizadores e realizadoras não responderam nossas perguntas.

Por fim, nos restou 167 cineastas negras, negros e negres que responderam o estudo e aparecem como amostragem do campo. É a partir deles que extraímos os resultados, apresentados neste trabalho. Estes cineastas correspondem a 61,17% dos contactados e 45,13% do total de mapeados.

Ainda, com base na margem de erro de 5% sobre os números apresentados, podemos considerar matematicamente que a pesquisa conta com uma amostragem de 50% do campo Cinemas Negros brasileiro, com uma assertividade quantitativa de aproximadamente 95%. Todas as regiões e estados do país foram atingidos pela pesquisa, o que dá a ela a garantia de abrangência nacional e um rigoroso método de levantamento de dados.

É preciso destacar que em 77,8% do território nacional há ao menos um realizador negro de Cinema e de Audiovisual. As exceções, neste Mapeamento, foram os estados do Acre, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima e Santa Catarina, que juntos somam 22,2% dos estados no país sem nenhum realizador negro residente (GRÁFICO 1).

GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE CINEASTAS NEGRES NO BRASIL



Fonte: **Mapeamento dos Cinemas Negros Brasileiro**. Dados colhidos de jun. 2020. / jun. 2021.

É fato que muitos cineastas negras e negros citados por pesquisadores correspondem ao eixo Sudeste-Bahia. Um erro metodológico que nada advoga em favor da pluralidade de sotaques neste cinema que analisamos, em um país tão extenso. Se estamos tratando de visibilidade negra, é injusto visibilizar uns e ignorar outros. Não cometemos o mesmo erro.

Por um lado, quantitativo, até é compreensível a visibilidade dada aos realizadores negros que vivem no eixo citado, uma vez que, além do Rio de Janeiro, com 34,3% de realizadores; São Paulo concentra 17,1 % de realizadores, seguidos do estado da Bahia, com 14,9%; Minas Gerais, 6,5%; e o Espírito Santo, com 4,3% dos realizadores brasileiros mapeados. Assim, o eixo Sudeste-Bahia corresponde a uma concentração de 77,1% de cineastas negros, negras e negres. Contudo, isso não garante qualitativamente influência sobre o conteúdo das obras, menos ainda

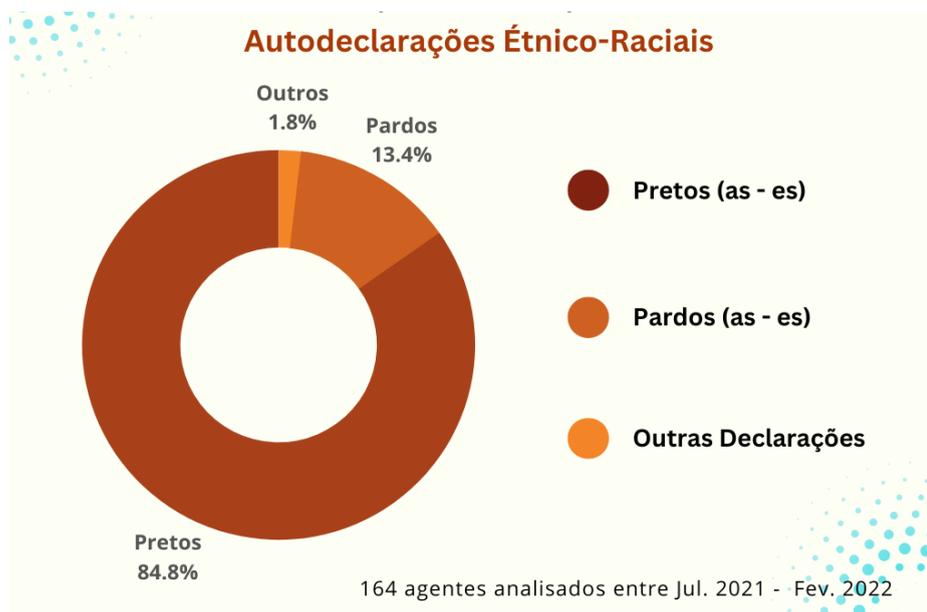
que estes realizadores sejam representantes do campo. É preciso olhar às margens, quando erroneamente nos intitulamos o "centro", é preciso um Cinema plural para "furar as bolhas".

### 3. Os Cinemas Negros brasileiro: A realidade quantitativa do campo

Dos 167 cineastas que responderam ao Formulário da pesquisa, 1,83% não se consideram nem pardos, nem pretos, mas "negro de pele clara" e "preta de pele clara", o que denota a inserção do conceito de colorismo no pensamento dos agentes. Assim, a primeira pergunta do Mapeamento foi: "como você se declara etnicamente?". Com base na metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE, que considera como negros o percentual de pretos e pardos.

Desconsideramos 3 agentes que não se autodeclararam negros, assim, dos 164 cineastas analisados, 84,76% se autodeclararam pretos; enquanto apenas 13,41% se autodeclararam pardos (GRÁFICO 2).

GRÁFICO 2 - AUTODECLARAÇÃO ÉTNICA DE CINEASTAS NEGRES NO BRASIL



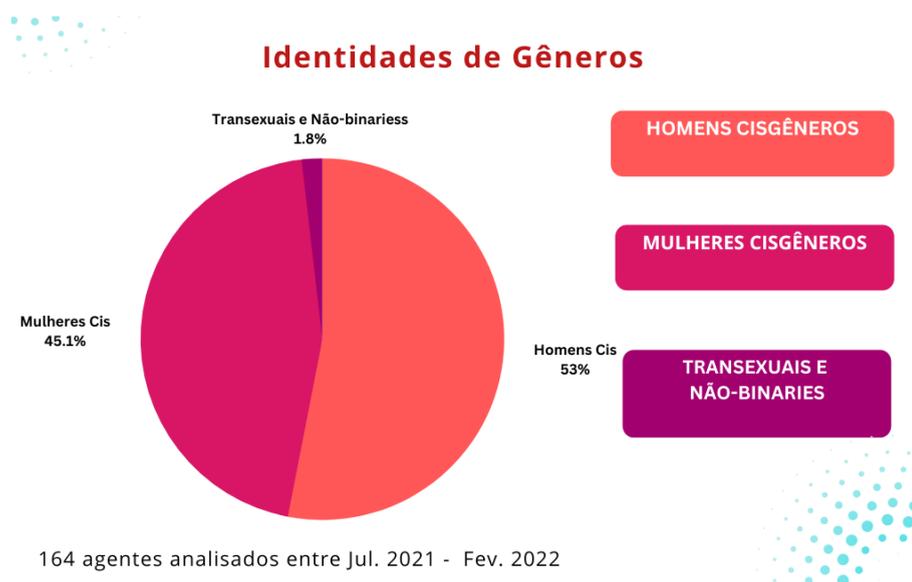
Fonte: **Mapeamento dos Cinemas Negros Brasileiro**. *Dados colhidos de jun. 2020. / jun. 2021.*

O número expressivo de 84,76% de autodeclarados "pretos" comprova que não houve dúvidas dos realizadores para auto afirmarem uma identidade étnica,

independente do tom de pele “mais claro” ou “mais retinto”. Percebemos que essa compreensão sobre a identidade étnico-racial está superada e bem resolvida dentro do campo Cinemas Negros, que poderíamos chamar, a partir da esmagadora maioria de agentes, de “Cinema Preto”.

Desses realizadores que se autodeclaram negros, numericamente há uma diferença de 8,5% entre homens cisgêneros (53,05%) e mulheres cisgêneros (45,12%) que realizaram filmes no período analisado. Considerando a margem de erro de 5% para mais ou para menos, permanece a diferença, quase insignificante, entre gêneros (cis) no campo Cinemas Negros (GRÁFICO 3).

GRÁFICO 3 - A IDENTIDADE DE GÊNERO DE CINEASTAS NEGRES NO BRASIL



Fonte: **Mapeamento dos Cinemas Negros Brasileiro**. Dados colhidos de jun. 2020. / jun. 2021

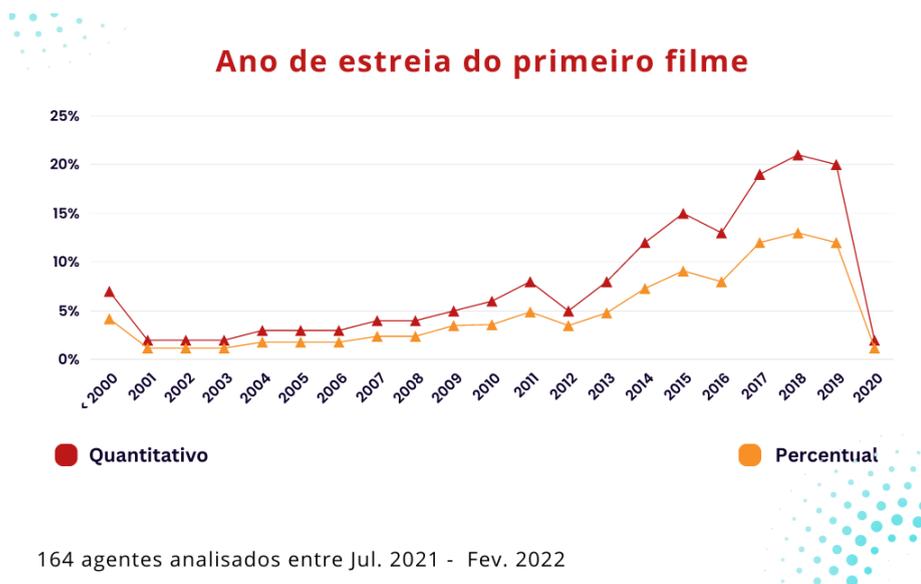
Como se percebe pelos dados iniciais, podemos dizer que o campo Cinemas Negros tem uma identidade étnica muito bem definida pelos próprios cineastas, é marcadamente um espaço de resistência racial, em que a maioria dos cineastas assumem-se como pessoas pretas, em um claro movimento de assunção da sua autorrepresentação, recharchando o uso do termo “pardo”, para definição de identidade de cor/raça. Bem como, se compararmos com o Cinema “hegemônico” veremos que os Cinemas Negros apresenta certa igualdade entre gêneros, ao contrário do Cinema brasileiro em geral, cuja maioria dos realizadores, ao menos

que lançam filmes comercialmente e aparecem nas pesquisas do GEMMA e da pesquisadora Paula Alves (2019), são homens.

Apesar de uma historicidade do campo Cinemas Negros, cujo marco é o filme “Alma no Olho” (1972) de Zózimo Bulbul, ter se desenvolvido, muito timidamente na década de 1990, culminando com a publicização do Dogma Feijoada, no ano 2000 e do Manifesto de Recife, em 2001, na primeira década do século XXI houve pouca produção negra, numericamente bem inferior ao período 2010-2020. Isso se comprova se compararmos juntos os dez primeiros anos do século.

Entre os anos 2000-2009 o pico de produção é inferior aos momentos mais produtivos do cinema realizado por negros no Brasil, como nos anos 2014, 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019 (GRÁFICO 4).

GRÁFICO 4 - ESTREIA PÚBLICA DO PRIMEIRO FILME DOS AGENTES



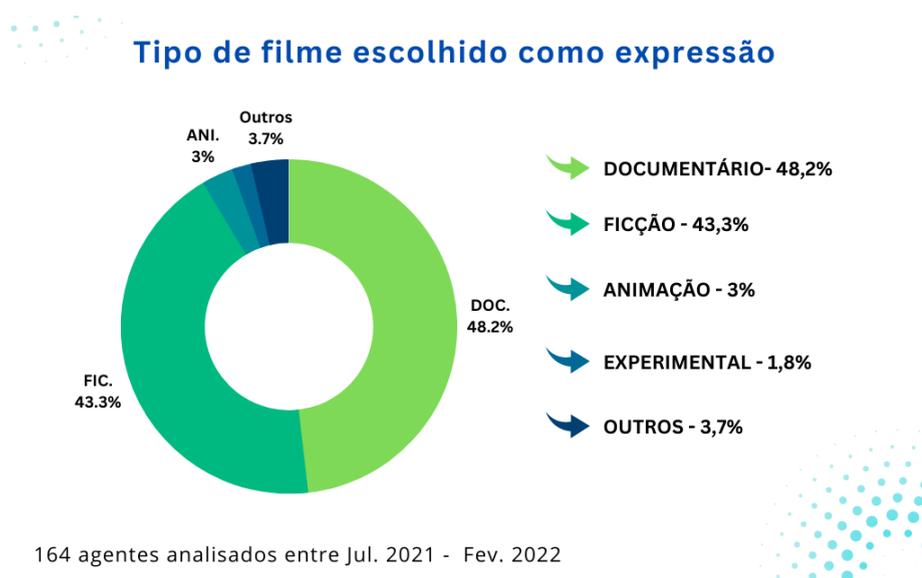
Fonte: **Mapeamento dos Cinemas Negros Brasileiro**. Dados colhidos de jul. / dez./2021.

Se considerarmos toda a primeira década do século XXI, os agentes que estrearam filmes correspondem a 20,7% dos cineastas mapeados. Se dividirmos este percentual por ano, temos 2,7% de realizadores estreando entre os anos 2000 até 2010. Também conseguimos perceber que, mesmo com um recorte mais amplo

do Mapeamento entre os anos 2000 e 2019, alcançamos 4,3% de realizadores e realizadoras que estrearam seus filmes no final do século XX e início do século XXI.

Outro dado relevante, a fim de chegarmos a um panorama real do campo, não é nenhuma novidade ao campo do Cinema e do Audiovisual que o documentário e seus realizadores ficam à margem da visibilidade e das premiações em mostras e festivais. Entretanto, dos filmes produzidos nas últimas duas décadas no interior do campo Cinemas Negros, 48% foram documentários, enquanto 43% foram ficções. Dados que comprovam que o documentário é o tipo de filme pelo qual mais os realizadores negros optaram como expressão cinematográfica (GRÁFICO 5)

GRÁFICO 5 - TIPO DE FILME ESCOLHIDO COMO EXPRESSÃO PELOS CINEASTAS MAPEADOS

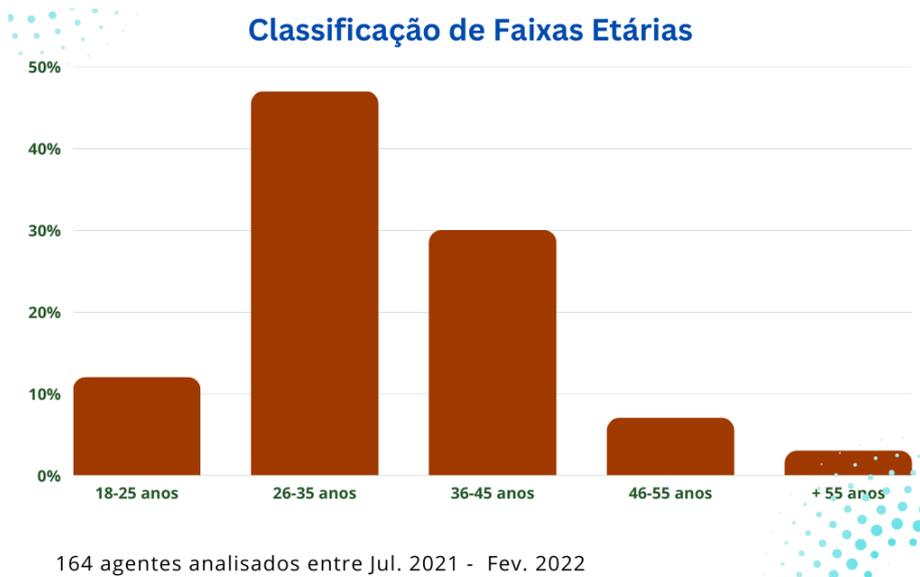


Fonte: **Mapeamento dos Cinemas Negros Brasileiro**. Dados colhidos de jul. / dez./2021.

Além desses dados, também verificamos que os Cinemas Negros no Brasil é plural, mas um fato concreto é que além de ser um campo ainda em formação, ele é também um campo formado por jovens cineastas, entre 26 e 35 anos. Os cineastas entre 26 e 35 anos correspondem a 46,95% do campo, seguidos dos que têm entre 36 e 45 anos. Esses dois grupos são seguidos pelos agentes na faixa etária entre 18 e 25 anos, com 12,20% do campo. Enquanto os cineastas entre 46 e 55 anos e os

com mais de 60 anos compreendem, 7,32% e 3,66% do campo, respectivamente (GRÁFICO 6)

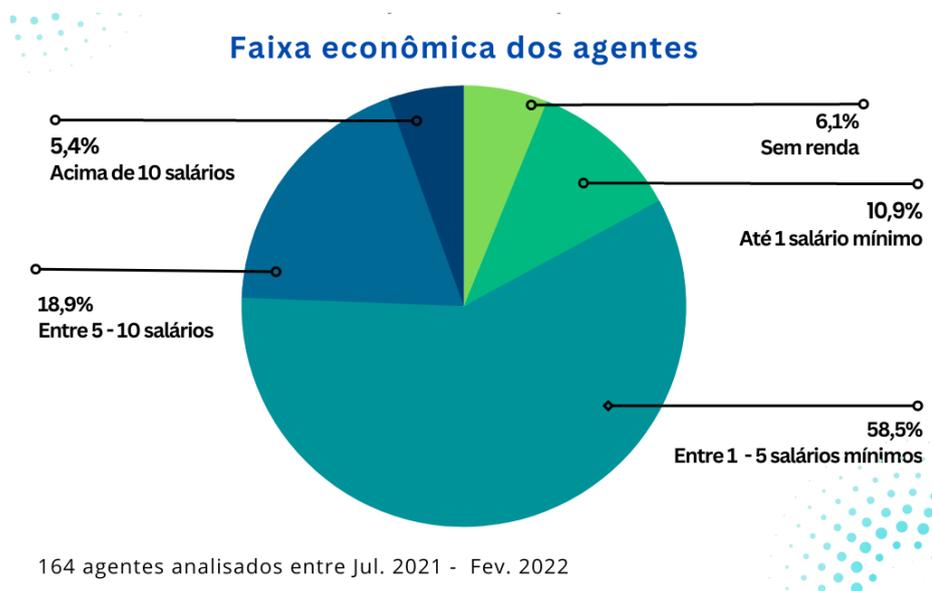
GRÁFICO 6 - FAIXA ETÁRIA DE CINEASTAS NEGRES NO BRASIL



Fonte: **Mapeamento do Cinema Negro Brasileiro**. Dados colhidos de jul. / dez.2021

Os dados revelam que 58,54% dos realizadores e realizadoras negras recebem entre 1 e 5 salários-mínimos, atualmente entre R\$1.100 e R\$ 5.500. Seguido pelo grupo que recebe entre 5 e 10 salários-mínimos, R\$ 5.501 até R\$ 11.000; posteriormente está o grupo que ganha até um salário-mínimo, 10,98%; os que não possuem renda somam 6,10% e, por último, o que não é surpresa, apenas 5,49% recebem acima de 10 salários-mínimos (GRÁFICO 7).

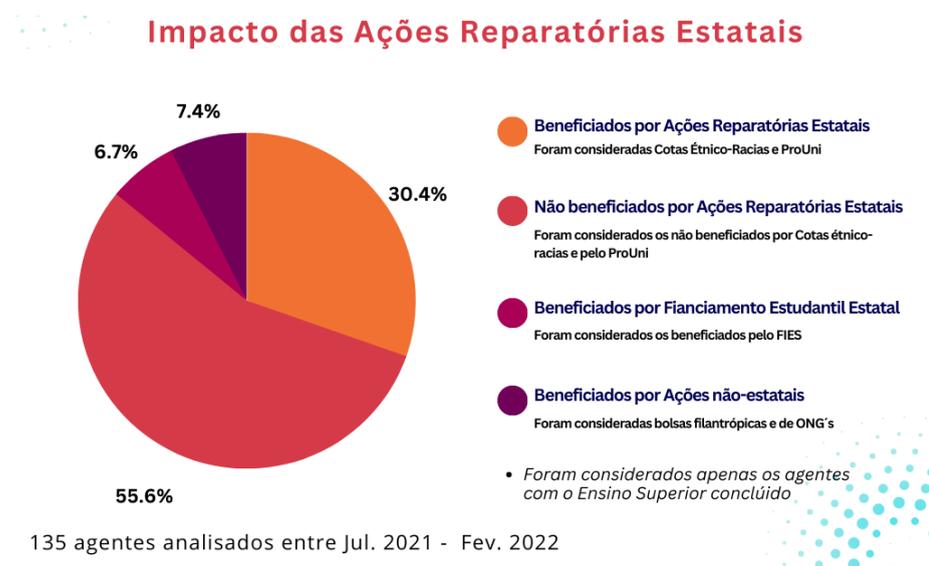
GRÁFICO 7 - FAIXA DE RENDA DE CINEASTAS NEGRES NO BRASIL



Fonte: **Mapeamento dos Cinemas Negros Brasileiro**. Dados colhidos de jul. / dez./2021

Se por um lado a expansão de Universidades públicas, o aumento da oferta de cursos de Cinema e Audiovisual e os incentivos do Estado para jovens cineastas estreantes na segunda década do século XXI, incentivaram a produção de filmes, a estreia de novos cineastas negres e o aumento na renda de jovens negros; a hipótese de que as políticas públicas, como as cotas étnico-raciais e o ProUni, não tiveram impacto significativo para a formação dos cineastas deste campo, contrariando o senso comum e a nossa hipótese inicial, conforme aponta do GRÁFICO 8.

GRÁFICO 8 - AÇÕES REPARATÓRIAS ESTATAIS NO BRASIL



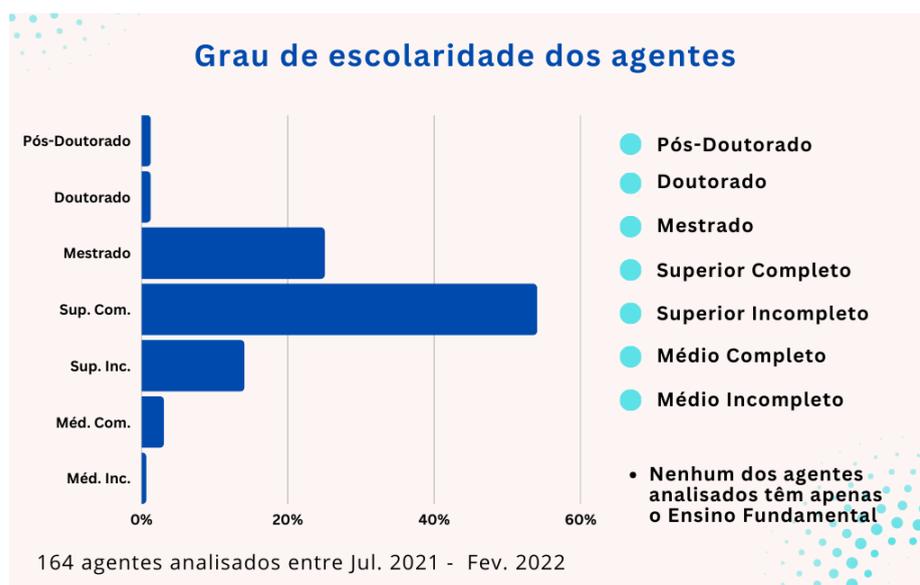
Fonte: **Mapeamento do Cinema Negro Brasileiro**. Dados colhidos de jul. / dez./2021

É possível observar por este gráfico que o campo Cinemas Negros, ao contrário do que o senso comum pode nos levar a acreditar, não é majoritariamente composto por agentes beneficiados por políticas públicas do Estado, como as Cotas Étnico Raciais e o ProUni. Esse, instituído através da Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005. No entanto, é preciso fazer algumas ressalvas sobre a realidade desses números no interior do campo Cinemas Negros.

O grupo de agentes beneficiados por políticas públicas reparatórias, soma 30,37% dos realizadores analisados, enquanto 6,67% usaram o Financiamento Estudantil (FIES) e 7,41% foram beneficiados por outras ações não governamentais, como bolsas filantrópicas e outras, somados correspondem a 44,45% de pessoas negras que precisaram de algum incentivo para concluírem o Ensino Superior, ou seja, praticamente a metade dos agentes analisados.

Aparentemente, foram essas ações que favoreceram 82,2% de agentes analisados nesta pesquisa a concluírem o ensino "Superior". Desses: 54,88% são graduados; 25% são mestres e mestradas; 1,22% são doutores e doutoras; e 1,22% concluíram o pós-doutorado.(GRÁFICO 9)

GRÁFICO 9 - GRAU DE ESCOLARIDADE DE CINEASTAS NEGRES NO BRASIL



Fonte: **Mapeamento dos Cinemas Negros Brasileiro**. Dados colhidos de jul. / dez.2021

Dos 135 realizadores negros, que concluíram o ensino "superior" e foram considerados nesta contagem, 84 agentes, 62,77% do total, tem formação acadêmica em Cinema e Audiovisual; enquanto 50 realizadores, 32,23% do total analisado, que concluíram formação acadêmica, não possuem graduação em Cinema.

#### 4. Conclusão

Como apresentamos através dos dados quantitativos é possível perceber que este campo, assim definido, por não ser possível estabelecer nenhuma noção de “unidade” ou de “homogeneidade”, é bastante diverso quanto a identidade étnico-racial dos seus agentes, aos seus princípios filosóficos norteadores, a pluralidade de sotaques e culturas em um país continental. Assim como mostra igualdade de gênero e uma imensa gama de faixas etárias, econômicas e de formação educacional.

É um campo de resistência de negros, negras e negres realizadores de cinema e audiovisual, que se consolida efetivamente a partir da segunda década do século XXI. Surge como um campo político mobilizado por agentes, que passam a reivindicar com maior quantidade de filmes e de presença de cineastas no campo cinematográfico brasileiro, o direito a se autorrepresentarem nas telas, através dos seus discursos plurais, o que nos faz afirmar que pela pluralidade de linguagens, de tipos de filmes e de discursos é necessário que o campo seja também denominado no plural como “Cinemas Negros” ou “Cinema realizado por negros” e não mais como simplesmente “Cinema Negro”.

Bem como, a luta negra no cinema brasileiro não se restringe às telas, são visíveis em ações, tais como a criação em 2016 da APAN (Associação de Profissionais Negros do Audiovisual), das Plataformas de *streaming* Todesk Play, Wolo TV e da UBU PLAY, que será lançada com os filmes mapeados por esta pesquisa. Assim como também foram criados inúmeros festivais e mostras de cinema voltadas aos filmes realizados por esses agentes.

No campo acadêmico é cada vez mais presente as discussões teóricas sobre este Cinema, com a entrada de mais negros e negras nas universidades que utilizam a Academia como espaço para modificação dos paradigmas da representação no Cinema e no Audiovisual.

Por fim, quero destacar que este estudo não se encerra, pelo contrário, ele inicia uma nova fase para pesquisas sobre os Cinemas Negros. Como toda investigação, esta não se esgota nos números. Ainda há um rigoroso trabalho de

análise qualitativa para sair da superfície dos números e aprofundar a pesquisa na realidade individual dos agentes. Apenas assim teremos um panorama completo e ainda mais próximo da realidade deste campo.

Desta maneira, não desejo que este estudo seja um instrumento de reprodução, mas que seja mobilizador para novas pesquisas, com novas abordagens e que daqui a duas décadas possamos olhar para esses números e nos orgulhar do quanto evoluímos enquanto sociedade e que os Cinemas Negros já não necessite mais se autoafirmar como negro e possamos dizer que a Força que move o Cinema Brasileiro é preta!

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Paula. **Cinedemografia, população que filma e população filmada: hierarquias de gênero e raciais na produção cinematográfica brasileira contemporânea**. 2019. Tese (Doutorado em População, Território e Estatísticas Públicas) - Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Rio de Janeiro, 2019.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: MELEIRO, Alessandra; XAVIER, Tainá. **Mapeamento de Diversidades nos cursos de Cinema e Audiovisual no Brasil**. [documento eletrônico] - São Paulo: FORCINE, 2021

AMORIM, Daniela; NEDER, Vinícius. **Negros têm mais dificuldade de obter emprego e recebem até 31% menos que brancos**. ESTADÃO, 06 de nov. 2019. Economia. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2019/11/06/negros-tem-mais-dificuldade-de-obter-emprego-e-recebem-ate-31-menos-que-brancos.htm?cmpid=copiaecola>. Acessado em 11/03/2022.

BOURDIEU, P. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Miséria do mundo**. Tradução: Mateus S. Soares Azevedo. 4a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUENO, Samira; LIMA, Renato S. de. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA [Doc Online], 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf> (Acessado em 11/03/2022)

CANDIDO, Márcia Rangel; MARTINS, Cleissa Regina; RODRIGUES, Raissa; JÚNIOR, João Feres. **Raça e gênero no Cinema Brasileiro 1970-2016**. Boletim GEMMA. n. 2. Rio de Janeiro: UERJ, 2017.

CARVALHO, Noel dos Santos; GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Cinema e representação racial: o cinema negro de Zózimo Bulbul**. 2006. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Esboço para uma História do Negro no Cinema Brasileiro.** In: De, Jeferson. Dogma Feijoadá: O cinema Negro Brasileiro – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo : Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005. p. 17 - 101.

\_\_\_\_\_. **O Produtor e o Cineasta Zózimo Bulbul: O inventor do Cinema Negro Brasileiro.** *Revista Crioula*, n. 12, 2012.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico]. Trad.: Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, Petronio, & CARVALHO, Noel dos Santos. **A representação do negro em dois manifestos do cinema brasileiro.** Estudos avançados. 2017. Disponível em: (<https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890027>) Acessado em 28/02/2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Trad.: de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** Trad: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5a.ed. São Paulo: Ed. Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do saber.** Trad: Luiz Felipe Baeta Neves. 7a. ed Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. - Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio : Apicuri, 2016.

HOOKS, bell. **Olhares Negros: raça e representação.** Trad.: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

INFOPEN. **Sistema carcerário brasileiro: negros e pobres na prisão.** In: Comissão de Direitos e Cidadania. [on-line], 06/08/2018. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoespermanentes/cdhm/noticias/sistema-carcerario-brasileiro-negros-e-pobres-na-prisao>) Acesso em 02/03/2022

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS - IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Síntese dos Indicadores de 2009.** Rio de Janeiro: IBGE; 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS - IBGE. **Características étnico-raciais da população: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça: 2008.** Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS - IBGE. **Características gerais dos domicílios e dos moradores: 2019.** Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS - IBGE. **Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira: 2020.** Rio de Janeiro : IBGE, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS - IBGE. **Características gerais dos domicílios e dos moradores: 2019.** Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

KASHINDI, Jean-Bosco Kakozi. **Ubuntu como uma ética africana, inclusiva e humanista.** Cadernos IHU ideias - Universidade do Vale do Rio dos Sinos / Instituto Humanitas Unisinos, n. 254, vol. 15, 2017, p. 1 - 20.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MALOMALO. **Filosofia Africana do NTU e a defesa de direitos biocósmicos**. *Problemata: R. Intern. Fil.* V. 10. n. 2 (2019), p. 76-92.

MARGARIDO, Alfredo. **Negritude e Humanismo**. 1.ª Edição: Casa dos Estudantes do Império. Série Ensaio. Lisboa, 1964.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad.: Marta Lança. Editora Antígona, Lisboa - Portugal, 1.ª Ed., 2014.

MELEIRO, Alessandra; XAVIER, Tainá. **Mapeamento de Diversidades nos cursos de Cinema e Audiovisual no Brasil**. [documento eletrônico] - São Paulo: FORCINE, 2021.

MUNANGA, Kabengele. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**. *Estudos Avançados*, São Paulo; USP. v. 18 (50), 2004. p. 51-56.

\_\_\_\_\_. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012

\_\_\_\_\_. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

RAMOSE, Mogobe B. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos. [on-line]. Disponível em: (<https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/texto16.pdf>). Acessado em 28/02/2022.

\_\_\_\_\_. **A ética do ubuntu**. Tradução para uso didático de Éder Carvalho Wen: RAMOSE, Mogobe B. *The ethics of ubuntu*. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 324-330. [on-line] Disponível em: ([https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/mogobe\\_b\\_ramos\\_e\\_a\\_%C3%A9tica\\_do\\_ubuntu.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/mogobe_b_ramos_e_a_%C3%A9tica_do_ubuntu.pdf)). Acessado em: 28/02/2022

\_\_\_\_\_. **Sobre a legitimidade e estudo da filosofia africana**. In: *Ensaio Filosóficos*, IV - outubro/2011, pp. 9-25. Disponível em: [http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE\\_MB.pdf](http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf). Acessado em 11 fev. 2023.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SILVA, Ademir Luiz da. **O negro brasileiro e o cinema: história, militância e arquétipos raciais**. *Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Rebeca)*. Ano 3, jul. / dez. 2014 [on-line]. Disponível em: (<https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/108>). Acessado em 28/02/2022.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da Imagem Eurocêntrica**. Trad.: Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad.: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TEMPELS, Placide R. P. **A filosofia Bantu**. Trad. Amélia A. Mingas e Zavoni Ntongo. Luanda: Edições Kuwindula. Faculdade de Letras da UAN, 2016.

William, Rodney. **Apropriação cultural**. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro). São Paulo: Pólen, 2019.